

Quatro poemas de Ingeborg Bachmann

Tradução de Claudia Cavalcanti¹

Acaba de sair, pela editora Todavia, o livro *O tempo adiado e outros poemas*, de Ingeborg Bachmann² (1926-1973), para o qual fiz a seleção, a tradução, e o posfácio. A pedido da revista *Qorpus*, extraí quatro poemas para publicá-los aqui. Se já foi difícil selecionar os poemas para o livro, escolher apenas alguns requer criar um critério que justifique os excluídos. Pois bem: os poemas abaixo foram publicados esparsamente, entre 1964 e 1967, época de crise pessoal aguda. Revelam-se aqui motivos recorrentes na obra poética dessa austríaca de tantos lugares, como justamente o (não) lugar no mundo; o lugar da palavra; o lugar da mulher; o lugar como limite e sua tentativa de rompê-lo.

A Boêmia fica na beira do mar

Se por aqui casas são verdes, ainda adentro uma casa.
Se aqui as pontes estão inteiras, sigo por um bom motivo.
Se o esforço do amor está para sempre perdido, que seja vão aqui.

Se não sou eu, é alguém tão bom quanto eu.

Se aqui uma palavra se encosta, deixo que se encoste.
Se a Boêmia ainda fica ao mar, volto a crer em mares.
E se ainda creio no mar, então creio na terra.

Se sou, então cada um é tanto quanto eu.
Não quero nada mais para mim. Quero ir ao fundo.

Ao fundo — quer dizer, ao mar, é lá que reencontro a Boêmia.
Indo ao fundo, desperto tranquilamente.
No fundo agora sei, e estou imperdido.

Venham cá, boêmios todos, navegadores, putas dos portos e navios
não ancorados. Não querem ser boêmios, ilírios, veronenses

¹ Germanista, editora e tradutora, dentre outros, de Paul Celan, Georg Trakl e mais poetas expressionistas.
E-mail: claudiacavalcanti10@globo.com.

²Para saber mais sobre Ingeborg Bachmann em *Qorpus*, acesse: <https://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e-edicao-n-020/ingeborg-bachmann-decisao-pela-palavra-claudia-cavalcanti/>.

e venezianos todos? Representem as comédias que fazem rir

E que são de chorar. E errem cem vezes,
como errei e nunca passei por provas,
sim, passei, cada vez novamente.

Como a Boêmia também passou e um belo dia,
perdoada, foi ao mar e agora beira a água.

Encosto-me ainda numa palavra e noutro país,
encosto-me, mesmo que tão pouco, a tudo cada vez mais,

um boêmio, um nômade, que nada tem e ninguém detém
se presta só pra ver, do mar que se desdiz, país que eu escolher.

Uma espécie de perda

De uso comum: estações do ano, livros e certa música.
As chaves, as xícaras de chá, a cesta de pão, lençóis de linho e uma cama.
Um enxoval de palavras, de gestos, trazidos, utilizados, gastos.
Uma ordem doméstica respeitada. Dito. Feito. E sempre a mão estendida.

Apaixonei-me por invernos, por um septeto vienense e por verões.
Por mapas, por um canto na montanha, por uma praia e por uma cama.
Mantive um culto a datas, declarei promessas irrevogáveis,
idolatrei um Algo e fui devota de um Nada,

(— do jornal dobrado, das cinzas frias, do papel com uma anotação)
sem temer a religião, pois a igreja era essa cama.

Minha inesgotável pintura surgiu de olhar o mar.
Da varanda devia saudar os povos, meus vizinhos.
Ao fogo da lareira, em segurança, meus cabelos tinham sua cor mais intensa.
A campainha da porta era o alarme para minha alegria.

Não foste tu que perdi,
mas o mundo.

Enigma

Para Hans Werner Henze da época dos *Ariosi*

Nada mais vai chegar.

A primavera não virá mais.
Assim nos antecipam calendários milenares.

Mas também o verão — e tudo o que tem nomes tão bons
quanto “veraneio” —
nada mais vai chegar.

E não hás de chorar por isso,
diz a música.

Nada
mais
foi
dito.

Sem delicadezas

Nada mais me agrada.

Devo
guarnecer uma metáfora
com uma flor de amêndoa?
crucificar a sintaxe
sobre um efeito de luz?
Quem despedaçará o crânio
por coisas tão superficiais —

Aprendi a levar em consideração
as palavras
que lá estão
(para a classe mais baixa)

fome
 vergonha
 lágrimas

e
 escuridão.

Saberei lidar
com o soluço impuro,
com o desespero
(e ainda me desespero de desespero)
com a muita miséria,
o estado dos doentes, o custo de vida.

Não desprezo a escrita,
mas a mim.
Os outros sabem
sabe Deus
se entender com as palavras.

Não sou meu assistente.

Devo
aprisionar uma ideia,
conduzi-la até uma célula iluminada da frase?
alimentar olho e ouvido
com bocados de palavras da melhor qualidade?
analisar a libido de uma vogal,
investigar o valor erótico de nossas consoantes?

Tenho que
com a cabeça destruída por granizo,
com a câibra por escrever com esta mão,
sob a pressão da tricentésima noite,
rasgar o papel,
varrer as tramas de palavras operísticas,
destruindo assim: eu tu e ele ela isso

nós vós?

(Devo, sim. Devem os outros.)

Minha parte, que se perca.

REFERÊNCIAS

BACHMANN, Ingeborg. *O tempo adiado e outros poemas*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Todavia, 2020.